

JOVEM MUSICOTERAPEUTA: PREMISSAS PARA UMA FORMAÇÃO INTEGRAL AO MUNDO DO TRABALHO

Patrícia Wazlawick ¹

RESUMO

Este artigo pretende discutir a respeito de aspectos que se fazem prioritários no mundo contemporâneo para uma formação integral dos jovens, e em nosso, caso, os jovens musicoterapeutas. Abordaremos premissas para uma formação integral, uma formação ao saber fazer de fato, uma formação que permitirá construir a identidade de um profissional que integra, sem sua prática, música, dimensão humana e busca de crescimento. Dessa forma, estes fatores primeiramente devem ser trabalhados no próprio musicoterapeuta em formação ou profissional. As premissas abordadas objetivam permitir a construção de uma formação ao mesmo tempo sólida e flexível para a entrada no mundo do trabalho. Como metodologia empregou-se uma revisão de literatura acerca do assunto proposto, e discussão teórica entre estudos e autores que vêm a confirmar a proposta deste texto, uma vez que se baseiam em pesquisas de campo já realizadas no Brasil e fora dele, com jovens em formação, jovens profissionais, competências e conhecimentos necessários à prática, em meio às novas configurações do mundo do trabalho, economia, política, sociedade e relações humanas. Como aspectos de resultados, salienta-se a necessidade de uma formação do tipo *Life Long Learning*, o aprender a aprender, em cada instância e fase da vida, bem como o responsabilizar-se por si, desde cedo, para construir sua autonomia e efetivar possibilidades de crescimento pessoais e profissionais.

Palavras-chave: jovem musicoterapeuta; formação integral-saber fazer; mundo do trabalho.

ABSTRACT

This article intend to discuss about the aspects that are priorit in the modern world for a full formation of the young, and in our case, the young music therapist. We talk about premises to a full formation, a formation that really allows to build the identity of a professional that integrate in his practice music, human dimension and the search of the growth. Therefore, these factors, first of all, must be worked in the music therapist in formation or in a professional. The

¹ Musicoterapeuta, atua na área clínica e na área educacional. Mestre em Psicologia (UFPR), e doutoranda em Psicologia (UFSC). Musicoterapeuta do Instituto ConSer, Curitiba, PR. E-mail: patricia.wazla@terra.com.br

premises mentioned focus to allow the construction in their solid and flexible formation to enter in the market. As a methodology it was applied a review in the literature about the topic in focus and there was a theoretic discussion among authors, surveys, that confirm the propose of this text, once that are based in research made in Brazil and abroad, with young people in formation, young professional, necessary competence and knowledge in practice, among new configurations in the world of work, economy, politics, society and human relations. As aspects of result, it is outstanding the need to a formation like “Life Long Learning”, the learning of learning, in each time and phase of life, as well as the self responsibility, beginning early, to build independence and accomplish the possibilities of personal and professional growth.

Key-words: young music therapist; full formation; work world.

1 - INTRODUÇÃO

Ao entrar em contato com o tema deste X Fórum Paranaense de Musicoterapia e I Encontro Sul-Brasileiro de Musicoterapia, a saber: “Ser Musicoterapeuta: Identidade, Formação e Mercado de Trabalho”, pensei “puxa vida, novamente falando de identidade do musicoterapeuta, será que não teria outro tema para se discutir?”. O tempo foi passando, eu pensava em algo para escrever, e aos poucos, refletindo sobre as três grandes categorias envolvidas – identidade, formação e mercado de trabalho -, dei-me conta que este assunto não está esgotado, ou melhor, está longe de estar esgotado, e que, de fato, temos muito a dizer, pensar, discutir e fazer se queremos construir a identidade do musicoterapeuta ainda mais na contemporaneidade, na forma como hoje se encontram as relações de trabalho, as (im)possibilidades de formação e as novas configurações do próprio mercado de trabalho em meio à globalização, neoliberalismo e o sempre auto-atualizante sistema capitalista.

Revisando a literatura, de acordo com Del Prette e Del Prette (2003), Teixeira e Gomes (2005), Catani e cols. (2001), Gondim (2002), Chahad (2003), Silveira e Wagner (2006), Cervellini (2005), a respeito da conjuntura história vivida atualmente que leva a profundas transformações no mundo do trabalho, da preparação dos jovens para o mercado de trabalho, e em estudos acerca da transição do ambiente universitário para o do trabalho, esta “travessia” que os jovens estudantes precisam enfrentar, encontramos que:

As várias mudanças que ocorrem hoje no mundo do trabalho não podem ser traduzidas apenas e tão somente em termos da economia e das ciências da administração e da produção. Não se pode esquecer, igualmente, que a globalização da economia e o novo liberalismo, por um lado, e o esvaziamento das utopias e

enfraquecimento dos movimentos operários, por outro, fortaleceram grandemente o capital (...). Independente do foco do olhar que se dirige ao trabalho, percebe-se que essas mudanças extraordinárias afetaram todos os fatores ligados à formação profissional (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2003, p. 413).

Estas categorias nos sinalizam uma relação fundamental. Elas implicam que precisamos, enquanto musicoterapeutas, dar atenção essencial ao modo como nos formamos musicoterapeutas – não apenas durante a graduação, mas ao longo de todo nosso percurso como profissionais -, e à forma como pretendemos nos colocar e nos colocamos no mercado de trabalho, para construirmos o musicoterapeuta que queremos e pretendemos ser, isto é, a nossa identidade, o(s) ser(es) musicoterapeuta(s). Identidade sempre plural, pois em cada sujeito que se forma musicoterapeuta existe a apropriação deste saber e fazer de uma determinada forma, de acordo com as mediações para tal, de acordo com sua história de vida, bagagem de conhecimento, ambições e vontades, perspectivas/buscas de futuro e escolhas. Dessa forma, falamos, então, de identidades de musicoterapeutas, em um processo dialético, sempre em um ou muitos devir(es), vir-a-ser.

Há nove anos atrás, por ocasião do I Fórum Paranaense de Musicoterapia, realizado entre 14 e 15 de maio de 1999, no Hotel Eduardo VII, a Associação de Musicoterapia do Paraná proporcionava, com o evento, a discussão “Ética: em busca da identidade profissional”. Participei daquele evento com toda força, busca e vontade de saber de uma graduanda em Musicoterapia, de terceiro ano, que iniciava estágio de atuação, e apresentei junto a uma colega² um trabalho que justamente falava a respeito da formação, pelo menos acadêmica (de graduação), do musicoterapeuta, intitulado “Do aluno ao profissional: ‘a composição do musicoterapeuta’” (WAZLAWICK & MIZUTANI, 1999). Penso que será fundamental neste momento, após serem realizados tantos encontros/fóruns de Musicoterapia, e estarmos no décimo – data comemorativa -, voltarmos ao tema do ser musicoterapeuta, e refletirmos quem é, como se forma, como atua este profissional hoje. Momento este, de (re)visarmos quem somos, quem queremos ser, como nos apropriamos dos saberes da Musicoterapia e onde e como atuamos como profissionais.

Além disso, importante se faz sublinhar que “de certa maneira, as várias instâncias de formação profissional (segundo e terceiro graus, principalmente) não acompanharam as demandas do trabalho, em especial no que diz respeito às novas formas de relacionamento humano” (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2003, p. 414). Segundo os autores, não basta que os cursos de formação universitária

² Alyne Alessandra Mizutani, musicoterapeuta, que hoje reside na Itália e cursa Mestrado em Musicoterapia pela Universidade de Bologna-Universidade de Bristol (Inglaterra).

desenvolvam e se pautem nas capacitações³ analíticas e instrumentais, como escopo de formação em nível de terceiro grau (ibid.). Mas, fundamental se faz desenvolver nos graduandos, seja de qual área for, todas as capacidades/capacitações e competências sociais necessárias para uma atuação mais efetiva no mundo do trabalho. Neste cruzamento entram as instâncias que complementam a formação acadêmica, tal como propomos tratar neste texto, se queremos, enquanto escola formadora e enquanto cada futuro profissional responsável por si, atingir uma formação profissional integral para cada vez mais contribuir, de fato, e não como um faz de conta, no mundo do trabalho.

Gostaria e pretendo, neste texto, em face destas primeiras reflexões, de dar uma atenção especial a alguns aspectos da formação e mercado de trabalho principalmente aos jovens musicoterapeutas. Aqueles jovens que estão ali na graduação “se formando” musicoterapeutas, aqueles jovens que acabam de receber o diploma e caem de pára-quadras no mercado de trabalho, aqueles jovens que fazem um, dois, três, quatro, cinco anos que estão atuando. Obviamente este texto não esgota seu endereçamento aí, pois a cada musicoterapeuta que se considera e que de fato “é jovem”, que em seu íntimo se vive e se compreende como jovem, ele (o texto) trará um (re)pensar. Portanto, para aqueles que são jovens em idade, talvez encontrem alguns direcionamentos, e para aqueles que são jovens-experientes, talvez encontrem um (re)visar-se, um (re)formar-se, um transformar-se. Pois, como diz Bakhtin (2003), somos seres inacabados, e, enquanto há vida, há sempre possibilidades e saídas, se temos vontade, se queremos e nos responsabilizamos.

2 - Premissas para a formação de um jovem musicoterapeuta

Cada um de nós é um sujeito, uma existência, uma singularidade. Diz Faraco (2006), em base à filosofia de Mikhail Bakhtin, que “cada ser humano ocupa um lugar único e insubstituível, na medida em que cada um responde às suas condições objetivas de modo diferente de qualquer outro” (p. 83). Somos singularidades formadas de plurais, mas sempre singularidades, “porque cada um é um evento único do Ser” (FARACO, 2006, p. 83) e (BAKHTIN, 1921/1993).

Sujeitos singulares, sempre em relação, em processo de constituição, inacabados, sujeitos responsáveis por nossa unicidade. Faraco (2006), transcrevendo palavras de Bakhtin, diz que “Eu sou concreto e insubstituível e, por conseqüência, devo realizar minha unicidade” (BAKHTIN, 1921/1993, p. 41). Devo realizar minha unicidade porque “aquilo que pode ser feito por mim não pode ser jamais feito por outro alguém” (BAKHTIN, 1921/1993, p. 40)

³ Vide Del Prette & Del Prette (2003) e Gondim (2002).

(FARACO, 2006, p. 22). Assim, ao nos percebermos únicos de dentro de nossa própria existência, não podemos ficar indiferentes à nossa unicidade, somos impelidos a nos posicionarmos, a responder à nossa própria unicidade e existência, de tal modo que, conforme pontua Bakhtin (1921/1993), não existe alibi para a existência. Ou como já apontava o filósofo Parmênides, “o ser é e o não-ser não é” (NICOLA, 2005, p. 29). Ou somos ou não somos. Questão de escolha frente a si, responsabilidade ao que já se é e ao que se pretende ser. Questão de responsabilizar-se por nossa constituição, pela construção de nossa identidade. E as escolhas farão diferença a nós, é o responder por si mesmo, por sua própria vida, por aquilo que se faz.

Clive Robbins (1997)⁴, musicoterapeuta e criador do *approach* de Musicoterapia Criativa Nordoff-Robbins junto a Paul Nordoff, salienta, em relação a seus clientes em Musicoterapia, e também à filosofia que fundamenta sua prática: “quero que a criança torne-se o ser que pode ser. Quero que sua personalidade esteja em expansão, que haja uma projeção do ser” (BARCELLOS, 2002, p. 72). Ora, se um musicoterapeuta quer que seu cliente torne-se o ser que pode ser, que sua personalidade esteja em expansão e que haja uma projeção do ser, ele primeiramente deve estar e realizar este processo. Nós jovens musicoterapeutas, estamos nos tornando o ser que podemos ser? Nossa personalidade está, de fato, em expansão? Se não formos exatos conosco mesmos não seremos mediadores de saúde e realização com nossos clientes. O que faremos será uma pseudo-musicoterapia, será assistencialismo.

Fundamental se faz que o jovem cada vez mais cedo, já desde adolescência, desenvolva e pratique o responsabilizar-se por si mesmo, por suas ações e escolhas, por seus fazeres, sua formação e crescimento, e que aos poucos vá construindo sua autonomia. E o jovem musicoterapeuta de modo especial, deve começar a responsabilizar-se em todos os aspectos, uma vez que está se formando para acompanhar outros sujeitos em seus processos de vida, de busca de auto-conhecimento, de resolução de problemáticas da vida, e também de crescimento e realização. Como poderei acompanhar um sujeito em um processo musicoterapêutico se antes não me conheço? O auto-conhecimento é um processo contínuo ao longo da vida, porém, é preciso que este processo, esta busca, já se inicie nos anos da graduação. Não podemos ser superficiais conosco mesmos. Segundo Rocco (2006) “a impostação mental que um jovem deveria ter é aquela de *começar a agir* para aprender todos os instrumentos que lhe consintam evoluir de modo autônomo: estudo, trabalho, experiências práticas” (p. 8). Como jovens,

⁴ Em entrevista concedida à musicoterapeuta brasileira Lia Rejane Mendes Barcellos (2002), por ocasião do IX Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, realizado no Rio de Janeiro, em novembro de 1997.

cada musicoterapeuta em formação ou recém-formado, precisa impostar-se de modo “responsável” para crescer como “pessoa”.

A pesquisa realizada por Cervellini (2005), acerca da qualidade de vida do musicoterapeuta em formação, com graduandos em Musicoterapia⁵, em um dos pontos destacou e confirmou que os estudantes reconhecem como necessário à sua qualidade de vida profissional a terapia pessoal, a supervisão, o aprofundamento num modelo teórico-prático e a experimentação musicoterapêutica (na forma didática). Porém, contraditoriamente, os resultados mostraram “...que a maioria não pratica os fatores, uma vez que nunca fizeram terapia...” (p. 92). Além disso, os resultados evidenciam ainda que os estudantes consideram a supervisão depois de formado não tão relevante quanto a do período de estágios e quase não freqüentam eventos sobre Musicoterapia. A jovem autora deste estudo destaca com sabedoria ao final de seu trabalho: “Antes de cuidar da qualidade de vida do outro é necessário cuidar da sua própria, a fim de viver uma vida melhor como pessoa e como profissional, realizando um trabalho ético e com qualidade” (CERVELLINI, 2005, p. 95).

Crescer como pessoa responsável é premissa na formação do jovem musicoterapeuta. Crescer como pessoa responsável compreende também crescer na técnica, nos conhecimentos, nas fundamentações teóricas, no âmbito musical que um musicoterapeuta deve ter. Clive Robbins (1997) diz que como profissional musicoterapeuta procura desenvolver-se “...no campo da educação, da música e da vida” (Barcellos, 2002). Além disso, crescer como pessoa significa também ser um sujeito ético, não apenas em palavras, mas em todas suas ações práticas. Implica também conhecer outros aspectos que muitas vezes não são explorados de modo específico na graduação e que o mercado de trabalho requer: como atender um cliente em todas as funções, desde que telefona para agendar uma entrevista inicial até preencher um recibo ou uma nota fiscal que ele solicita. Aspectos de gerenciamento e economia, aspectos de divulgação e *marketing* pessoal e profissional, impostos que devem ser pagos pela função/profissão que desenvolvo, toda burocracia legal, enfim, muitos aspectos que quanto mais se conhece antes e se começa a exercer, mais autonomia, credibilidade e saber-fazer me permitem em minha atuação como musicoterapeuta seja onde for. Seja como profissional liberal-autônomo, seja como musicoterapeuta contratado por uma instituição, seja como musicoterapeuta docente e pesquisador.

Junto destes aspectos precisa estar sempre o saber servir, precisamos saber servir a nosso cliente, a nossos colegas de profissão, aos familiares de nossos clientes, a nossos empregadores. O líder, em qualquer campo, é aquele que melhor sabe servir (SCHUTEL, 2006). E o saber servir não está pronto em nós, precisamos construir este saber servir com muita responsabilidade, se queremos

⁵ Na Faculdade de Artes do Paraná, 2005.

levar adiante nosso trabalho, se queremos levar adiante e tornar conhecida e respaldada nossa profissão, a Musicoterapia.

Clive Robbins, ao contar sua história e trajetória para chegar à Musicoterapia, ao encontro com Paul Nordoff, relata “...sempre tive que ser aberto. Tive que ser aberto a tudo que Paul queria fazer, tive que ser aberto a tudo que Carol⁶ podia fazer, e depois entrei e juntei-me ao que faziam. De uma maneira tive que servir, fui um servidor e facilitador” (BARCELLOS, 2002, p. 79). Postura de saber servir, trabalhar, intensa busca de saber e conhecer o ser humano, a música, a relação ser humano-música-saúde-realização, que levou, tanto Clive Robbins quanto Paul Nordoff, e seu trabalho sistematizado, à referência mundial que hoje são, em Musicoterapia.

O que acontece com o jovem quando se forma? Aqui nos referimos a todos os jovens de uma maneira geral, não apenas ao jovem musicoterapeuta. De acordo com Schutel (2006):

A maioria dos jovens, depois de conseguir o diploma, tem uma cruel evidência: sabe que não sabe. Diante desta realidade, o jovem, não tendo coragem de colocar-se no mundo do trabalho, freqüentemente se comporta dos seguintes modos: 1) prolongamento dos estudos acadêmicos; 2) idealismo crítico – negação do “saber que não sabe”; 3) “fuga” do próprio país com a desculpa de conhecer os países estrangeiros; 4) apoio sobre o protecionismo legal (SCHUTEL, 2006, p. 16).

Na faculdade se aprende muitas coisas. Mas como de fato estão integradas teoria e prática em um jovem profissional? Ou, como nós jovens integramos em nós, em nosso saber e em nosso fazer a teoria e a prática? Integramo-as de fato ou continuamos mantendo uma cisão entre elas? Precisamos de fundamentação teórica – clássica e atualizada - tanto quanto precisamos de experiência, de práticas pensadas e repensadas, refletidas. A faculdade ensina, mas é nossa responsabilidade nos apropriarmos dos saberes e começar a saber fazer. Schutel (2006) destaca que é uma ilusão do jovem que irá aprender tudo, o saber fazer de fato, no sistema acadêmico. A autora conta a respeito de sua trajetória de formação:

Mesmo que eu tenha estudado por cinco anos em uma das mais renomadas faculdades de Administração do Brasil, os diversos argumentos de business (teorias administrativas, direito empresarial, contabilidade, economia, marketing, etc), tudo o que sei hoje aprendi na prática. Verifiquei que na universidade faltava a escola viva que é aplicada no cotidiano empresarial, e esta escola é encontrada por aquele jovem que quer uma estrada superior, seja como profissional, seja como pessoa (SCHUTEL, 2006, p. 16).

⁶ Carol Robbins, esposa de Clive Robbins, trabalhou como musicoterapeuta no *approach* Nordoff-Robbins (BARCELLOS, 2002).

Gondim (2002) realizou uma pesquisa com 53 estudantes universitários, provenientes de 26 cursos de graduação, a respeito do perfil profissional, mercado de trabalho e formação acadêmica. Os resultados do estudo apontam que não existe uma clara definição do perfil profissional exigido no mercado de trabalho, o que prejudica a elaboração de planos futuros mais definidos; além disso, há um despreparo profissional relacionado a uma formação teórica e prática insuficiente, ou seja, os participantes da pesquisa apontaram que a “formação universitária é insuficiente para atender à demanda requerida no mercado de trabalho” (GONDIM, 2002, p. 305). Em trabalho semelhante quanto ao objetivo, Domenico e Ide (2006) encontraram entre as competências do graduando em enfermagem uma “desinstrumentalização para o enfrentamento dos dilemas da prática” (p. 399).

“Para ‘pegar prática’ é necessário um empenho sério no estudo e no trabalho” (ROCCO, 2006, p. 11). Então, sugiro alguns questionamentos aos jovens musicoterapeutas: como nos empenhamos nas disciplinas que cursamos na faculdade? Como nos empenhamos nos estágios curriculares que realizamos? Quantos livros lemos sobre os mais diversos argumentos em Musicoterapia? Lemos apenas livros antigos ou buscamos publicações contemporâneas e recentes? Quantos e quais periódicos científicos conhecemos e temos acesso em Musicoterapia? Lemos apenas em língua portuguesa ou temos um mínimo de conhecimento em inglês, espanhol, italiano⁷ que nos permite acessar conhecimentos produzidos em Musicoterapia nos mais diversos países para conhecermos teorias e práticas clássicas e novas em nossa área? Já ouvi falar e conheço, li a respeito do trabalho de Lia Rejane Mendes Barcellos, Clotilde Leinig, Cecília Conde, Marly Chagas, Marco Antonio Carvalho Santos, Kenneth Bruscia, Even Ruud, Brynjulf Stige, Ken Aigen, Clive Robbins, Paul Nordoff, Helen Bonny, Barbara Wheeler, Barbara Hesser, Thayer Gaston, Tony Wigram, Rolando Benenson, Giacomo Gaggero, Leslie Bunt, Judith Alvin, Lars Ole Bonde, Patricia Pelizzari, Diego Schapira, Mary Priestley, David Aldridge, Garry Ansdell, Cheryl Dileo Maranto, Mercedes Pavlicevic - apenas para citar alguns -, ou para mim são ilustres desconhecidos ou soam conhecidos de longe? Já li e conheço as publicações atuais de meus professores?

Seguindo nesta linha de argumento, Del Prette e Del Prette (2003), a partir de estudo com jovens universitários que estavam finalizando seus cursos de graduação, informam que:

⁷ Na entrevista que Clive Robbins concedeu à Lia Rejane Mendes Barcellos, ele conta – apenas a título de conhecimento a nós -, que Paul Nordoff, que era norte-americano, “tinha grandes conhecimentos em inglês, alemão, espanhol e no idioma índio-americano” (BARCELLOS, 2002, p. 64).

Diferentemente do que ocorria há alguns anos, hoje os universitários precisam se preparar para um mercado de trabalho restrito, extremamente exigente, marcado por mudanças rápidas quanto à formação técnica e, igualmente, quanto às habilidades interativas (Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento, 1995) (citado por DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2003, p. 414).

Somente por meio da “vontade” e do “exercício” de nossas potencialidades, e principalmente, atuadas a partir do trabalho, do estudo e da formação pessoal, poderemos tirar proveito de nosso potencial para realizar na história (ROCCO, 2006). Precisamos empreender nossa formação, nossos estudos, conhecimentos e saberes teóricos e práticos hoje, para sabermos quanto mais empreender em nossa profissão amanhã. Para isto, como aponta Rocco, “...é indispensável a humildade de aprender a aperfeiçoar-se continuamente, sem jamais sentir que ‘chegou’” (ROCCO, 2006, p. 14). Pois, quanto mais se faz, mais possibilidades de realização, e também mais se sabe que ainda se deve aprender e fazer. Não estamos prontos. Precisamos “saber que não sabemos e estar abertos para aprender tudo desde o início, das pequenas às grandes coisas” (SCHUTEL, 2006, p. 16).

Por parte do jovem é indispensável uma tomada de consciência sobre a sua situação: deve *enfrentar a realidade* e perguntar-se ‘*o que sei, posso e devo fazer para construir a minha autonomia?*’, ‘*O que posso aprender para qualificar-me sempre mais?*’ Tudo isso sem nunca desmentir a própria ambição para adequar-se às expectativas alheias (ROCCO, 2006, p. 14).

Direciono estas perguntas a nós, jovens musicoterapeutas: “o que sei, posso e devo fazer para construir minha autonomia como profissional musicoterapeuta?”, “o que posso aprender para qualificar-me sempre mais como musicoterapeuta?”. “Tudo isto para responsabilizar-se a ser capaz, amanhã, de gerir de modo autônomo uma vida independente” (ROCCO, 2006, p. 15). É necessário humildade, sacrifício e preparação, caso contrário estaremos e viveremos sempre na média. Mas eu, o que quero da minha vida?

Como jovens musicoterapeutas outro ponto fundamental é, ao sair da universidade, além de começar aprender a fazer e atuar, escolher aperfeiçoar-se e especializar-se, não para ter um título a mais, mas para ter conhecimentos aplicáveis. Seria interessante conhecermos a filosofia do *Life Long Learning*, “a motivação ao aprendizado, à preparação e à alta especialização do próprio saber fazer” (SCHUTEL, 2006, p. 18), ou seja, realizarmos sempre uma formação continuada, realizarmos uma “atualização contínua das competências e das habilidades” (BERNABEI, 2003a, p. 17), a atitude permanente de aprender a aprender (GONDIM, 2002). Isto certamente é possível em nosso campo, ainda

mais que temos tantas áreas de conhecimento vinculadas à Musicoterapia, como nos indica Bruscia (2000). Ao estudarmos estas áreas vinculadas, certamente somaremos saberes e conhecimentos em nossa formação, para atuarmos de modo mais atualizado e sólido no mercado de trabalho a própria prática da Musicoterapia.

A juventude é um tempo de sacrifício e de construção. Deve ser um tempo para empregar nossas energias e vontade em estudo, trabalho e na construção de nós mesmos. Estas são posturas e ações que intensificam nosso saber fazer. Precisamos nos preparar bem para nossas atuações, sejam as possíveis agora, sejam as futuras. Precisamos investir, com conhecimento, em nós mesmos. Clive Robbins, em sua história de vida, como pessoa e musicoterapeuta, conta:

Passei um tempo da minha vida tentando encontrar o que poderia fazer, o que deveria ser. Era muito aberto à vida, explorava muitas coisas, entendia de mecânica, mas também gostava de música. Embora o gosto de minha família fosse a música clássica ligeira e popular, que eu também gostava, na minha adolescência descobri a música séria, sinfônica, concertos, e assim por diante. Na verdade, era muito interessado em artes, especialmente, arte dramática. Então, entrei para a Real Força Aérea e sofri um acidente. Comecei a me interessar por fotografia e depois comecei a pintar, estudar técnicas de pintura, história da arte e, particularmente, os impressionistas. Monet, era meu deus, mas amei também Renoir e muitos outros. Então, tornei-me pintor (BARCELLOS, 2002, p. 62).

O que está relatando Clive? Que estava “aberto à vida”, como diz, aberto a aprender, a buscar o saber fazer, a servir, pois ali aprendia. Não importa se não seguiu como mecânico, ou na Real Força Aérea, ou como fotógrafo ou ainda como pintor. No entanto, todos estes ofícios o instrumentalizaram, o ajudaram a se preparar ao saber fazer. Ele diz ainda: “...a partir daí, fui de trabalho em trabalho, fazendo toda espécie de atividades” (ibid.). E quando chegou à Musicoterapia... bem, aí a história é ainda mais espetacular, extraordinária. Diz Clive “você tem que estar preparado para tudo que acontecer” (ibid., p. 64). Nas duas histórias de vida que se cruzam, Clive Robbins também relata que Paul Nordoff, com 49 anos de idade saiu da faculdade nos Estados Unidos onde era professor e tinha um emprego fixo e garantido, tornou-se músico profissional (era pianista-compositor) e começou a estudar Musicoterapia a fundo (BARCELLOS, 2002), porque era isto que queria, já que a faculdade não lhe daria a licença para este estudo – seu pedido foi negado -, “então, ele pediu demissão. Aquele era um emprego fixo, com segurança; mas queria mudar sua carreira e estava com quase 50 anos de idade” (ibid., p. 67). E nós, jovens musicoterapeutas, há quanto tempo

permanecemos fixados em zonas de conforto, as mais diversas possíveis, e principalmente, as que podemos fazer existir na própria Musicoterapia?

3 - Pontos importantes para entrar no mundo do trabalho

A partir daqui traremos alguns pontos que se fazem prioritários para qualquer jovem que queira aprender de fato e entrar no mercado de trabalho, começar a agir. Estes pontos são fundamentais para o jovem musicoterapeuta.

A base econômica é o primeiro ponto ao qual devemos nos referir constantemente. "...É a necessidade de ter em vista o próprio espaço, a referência de segurança econômica" (BERNABEI, 2003b, p. 47). É a educação a saber fazer algo para criar o próprio ponto econômico (ibid., p. 48). Eu jovem musicoterapeuta, o que sei fazer? O que sei produzir?

...A base econômica não é constituída pela conta em um banco (aquela já é um efeito), mas é o ponto de trabalho, o lugar onde a pessoa ganha, o lugar que dá a renda contínua, a pequena mina da qual se extrai a própria riqueza cotidiana. É uma atividade que se sabe fazer, **a base econômica é saber fazer algo**. Deve-se controlar e manter salvo esse ponto, ele pode ser abandonado apenas se for construído um outro (BERNABEI, 2003b, p. 47).

A autora diz que a base econômica não é uma conta bancária, por exemplo, "porque, mesmo tendo dinheiro, se não sei fazer algo para investi-lo, cedo ou tarde o perco" (ibid., p. 48). E este "investir" não significa investimentos econômicos, aplicações ou bolsa de valores, mas a economia de si mesmo, investir no sentido de guarnecer, de "prover do necessário, munir, abastecer, fortalecer, fortificar" (Ferreira, 2005, p. 443). Então, o que sei fazer para poder de fato crescer como profissional? "A pergunta crucial é: **o que você sabe fazer?**" (BERNABEI, 2003, p. 48).

Teixeira e Gomes (2005) destacam que cada vez mais é importante que o jovem, em sua formação acadêmica, universitária, atue na prática profissional. E que os próprios cursos de formação universitária contemplem com maior ênfase a prática profissional.

Na contemporaneidade cinco pontos são fundamentais para poder criar uma base econômica própria. São eles: 1) um diploma; 2) saber pelo menos uma língua estrangeira; 3) saber usar o computador e a internet; 4) especializar-se em um campo de interesse; 5) aprender a falar em público e imediatamente reforçar a própria imagem (BERNABEI, 2003).

1) Um diploma: é um título que nos pré-orienta em determinados campos. É indispensável para o mundo do trabalho. No entanto, junto dele, precisamos "saber fazer", porque isto também é muito considerado em qualquer instituição ou

empresa que possamos procurar emprego, e principalmente, é considerado pelo cliente.

2) Saber pelo menos uma língua estrangeira: é fundamental saber uma língua estrangeira além de nossa língua de origem. “A língua mais *falada* no mundo é o espanhol. A língua mais *usada* no mundo das relações comerciais, políticas e de informação é o inglês. Como mínimo, é necessário saber o inglês ou pelo menos a língua para a qual o interesse da própria atividade é orientado” (BERNABEI, 2003b, p. 49). Junto de saber falar uma língua estrangeira é importante também ter um certificado de nível de conhecimento nesta língua.

3) Saber usar o computador e a internet: aqueles que sabem usar computador de modo geral e internet têm maior competitividade no mundo do trabalho. Em alguns campos já é indispensável.

4) Especializar-se em um campo de interesse: especializar-se em um campo “que dê uma eficiência de ganho constante e contínua *atualização*” (ibid., p. 51). O saber fazer precisa constantemente estar sendo atualizado, senão pode se tornar, rapidamente, um não saber fazer. A autora, fundamentada no *Life Long Learning*, recomenda que no próprio campo de saber específico seria necessário aprender pelo menos uma ou duas coisas novas por dia (BERNABEI, 2003b). Eu musicoterapeuta que coisa nova aprendo da/sobre a Musicoterapia a cada dia?

5) Aprender a falar em público e imediatamente reforçar a própria imagem: saber falar frente a um público, saber se posicionar, saber pronunciar bem as palavras, aquilo que se quer dizer, pois em vários momentos teremos necessidade disto, profissionalmente.

Segundo a autora, estes cinco pontos são fundamentais para os jovens que ingressam no mundo do trabalho, e para poderem criar uma base econômica sólida, construir um verdadeiro saber fazer algo. Devemos os utilizar e desenvolver enquanto estamos na condição de empregados em um local específico, sempre considerando “o emprego um exercício para realizar as próprias ambições” (BERNABEI, 2003, p. 51), onde aprendemos de fato o saber fazer, e sucessivamente, quanto mais formos crescendo e construindo nossa prática profissional e criando nossos espaços de trabalho.

Certamente muitos outros aspectos poderiam ser ditos e citados, e que são fundamentais para a formação do profissional musicoterapeuta, seja formação acadêmica, pessoal e curricular em geral. No entanto, se faz mister abordar esta temática, estes cinco pontos relevantes para entrar no mundo do trabalho, como apresentados acima. Precisamos começar de premissas que são fundamentais para uma formação integral e que muitas vezes o jovem musicoterapeuta não dá atenção, e aí, a meu entendimento, já é e já se está em um começo errado para si mesmo. As grandes ações e realizações só são possíveis se primeiro as primeiras e pequenas ações, os primeiros passos são dados **firmemente** e **solidamente**. Depois se podem alçar vôos e passos maiores. Vôos e passos maiores para si,

enquanto sujeito singular responsável por sua existência, crescimento e realização, e vãos e passos maiores para contribuir em seu contexto de atuação profissional e social.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Essa transição, do ambiente universitário para o do trabalho, não se constitui uma travessia propriamente tranqüila para a grande maioria dos estudantes, mesmo nas áreas nas quais a demanda por profissionais ainda é razoavelmente alta” (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2003, p. 414).

De modo geral, percebemos que os estudiosos e pesquisadores nos apontam as dificuldades encontradas no mundo do trabalho, na formação acadêmica e profissional geral, na transição para o mundo do trabalho, exaustivamente até, mas não nos dizem ou não nos sinalizam como fazer para desenvolver capacidades e competências para atuar e/ou para enfrentar tais dificuldades. Considero, desse modo, ao jovem musicoterapeuta entender os cinco pontos abordados neste texto e começar a agir, a efetivá-los. Este já seria um bom começo.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato** (1919/1921). **Toward a philosophy of the act**. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Entrevista com Clive Robbins**. Revista Brasileira de Musicoterapia, n. 6, p. 61-81, 2002.
- BERNABEI, Pamela. **Psicologia managerial: o conhecimento que consente a escolha ótima**. Psicologia Managerial. São Paulo: FOIL, 2003a.
- BERNABEI, Pamela. **Os três pontos para entrar no mundo do trabalho**. Psicologia Managerial. São Paulo: FOIL, 2003b.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, João Ferreira de; DOURADO, Luiz Fernandes. **Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação no Brasil**. Educação & Sociedade, n. 75, 2001.
- CERVELLINI, Ana Paula Chizzollini. **A qualidade de vida do musicoterapeuta em formação**. Trabalho de Conclusão de Curso, curso de graduação em Musicoterapia, Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba: 2005.

- CHAHAD, José Paulo Zeetano. **Tendências recentes no mercado de trabalho. Pesquisa de Emprego e Desemprego.** São Paulo em Perspectiva, 17(3-4), p. 205-217, 2003.
- DOMENICO, Edvane B. L. De; IDE, Cilene A. C. **As competências do graduando em enfermagem: percepções de enfermeiros e docentes.** Acta Paulista de Enfermagem, 19(4), p. 394-401, 2006.
- DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. **No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários.** Estudos em Psicologia, 8 (3), p. 413-420, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo. As idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin.** Curitiba: Criar Edições, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio. O dicionário da língua portuguesa.** 6. ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- GONDIM, Sônia M. Guedes. **Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários.** Estudos de Psicologia, 7(2), 299-309, 2002.
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia. Das origens à idade moderna.** São Paulo: Globo, 2005.
- ROCCO, Veronica. **Auto-sustento: o primeiro dever de um jovem.** Revista Nova Ontopsicologia. Jovens: sexo, amor e sociedade, n. 1, p. 8-15, 2006.
- SCHUTEL, Soraia. **A capacidade à prática líder.** Revista Nova Ontopsicologia. Jovens: sexo, amor e sociedade, n. 1, p. 16-18, 2006.
- SILVEIRA, Paula G.; WAGNER, Adriana. **Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem.** Estudos de Psicologia, 23(4), p. 441-453, 2006.
- TEIXEIRA, Marco Antonio P.; GOMES, William B. **Decisão de carreira entre estudantes em fim de curso universitário.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21 (3), p. 327-334, 2005.
- WAZLAWICK, Patrícia; MIZUTANI, Alyne A. **Do aluno ao profissional: “a composição do musicoterapeuta”.** Anais do I Fórum Paranaense de Musicoterapia. Curitiba: Associação de Musicoterapia do Paraná (AMT-PR), p. 33-42, 1999.